

# humanitas

**Vol. V-VI**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLS. II E III DA NOVA SÉRIE  
(VOLS. V E VI DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA  
MCMLIII-IV

mas e os acontecimentos que se desenrolam no palco como qualquer coisa que interessava na vida real. *A vicia na Comédia Nova, embora imitasse a vida, estava separada da realidade*» (1). (Cf. Victor Ehrenberg, *The People of Aristophanes. A Sociology of Old Attic Comedy*. Oxford, 1951, pág. 42. A 1.ª edição deste livro é de 1942. Da 2.ª ed. (1951), fizemos uma recensão em *Humanitas*, N. S. 1, pág. i-vii).

— Pág. 261: Sobre «Terenzio imitatore-originale, sull'arte sua propria» existe já um estudo, o de Gilbert Norwood, que não deve ser desconhecido do A. que cita *The Art of Terence*, na pág. 282, nota 7 da sua tese.

Desfeiam este belo livro, escrito com graça e, por vezes, com um entusiasmo bem meridional, algumas «gralhas». Até o característico *Homo sum: humani nihil a me alienum puto* aparece não só errado, mas também transcrito como *Ht.* 52 (quando é *Ht.* 77), na página 34.

Todavia, o balanço final da obra do Dr. A. Barbieri é largamente positivo e nenhum estudioso de Terêncio lerá sem proveito a sua tese.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

Michel Rambaud — Cicerón et l'Histoire Romaine — Paris, 1953 —  
148 pp.

Estuda o Autor nesta bem documentada monografia um aspecto da obra ciceroniana que considera muito significativo e digno de atenção.

No I cap. discute o problema da autenticidade da vocação histórica de Cícero. Dizer-se (pág. 13) que a vocação histórica de Cícero abortou parece-nos que é avançar proposição muito para discutir. A objecção imediata salta com evidência: e o que seria a sua história? Lembremo-nos de que, embora autor de tratados filosóficos, só muito dificilmente poderemos dizer que Cícero foi um filósofo. Seja, porém, como for, a verdade é que o A. procura rebater as razões daqueles que minimizam a vocação histórica de Cícero; assim (pág. 14-15), procura desfazer a crítica daqueles para quem a carta a *Lucceius* é manifestação de, digamos, anistoricismo. A nós parece-nos que a incoerência ou pretensa incoerência, que a referida carta pode revelar, é afinal, mais do que outra coisa, talvez mero produto de uma personalidade com plexa como era a de Cícero. Objecção mais pertinente parece-nos ser aquela que a última parte (pág. 23-24) do cap. suscita, pois afigura-se-nos evidente que, sendo Cícero um homem interessado na actualidade do seu tempo, terá carecido de pers-

pectiva para hierarquizar *eventos* e de serenidade para equanimizar-se ante pessoas (vejam-se os retratos de Catilina a que o A. alude).

No cap. II, procura o A. demonstrar a extensão dos conhecimentos históricos de Cícero. De pág. 25 a 35 vem uma longa e minuciosa lista dos passos da obra ciceroniana em que há alusões a analistas ou eruditos. Seguidamente, faz-se-nos ver a concepção pragmática que Cícero tinha da história — o valor do *exemplo* tirado do passado (pág. 36), e a utilizar na oratória (pág. 48 e segg.).

No cap. III, pretende o A. pôr em relevo os escrúpulos de exacção de Cícero; para tal, aduz elementos da correspondência, do *De Re Publica*, do gosto da erudição na recolha de documentos etc.. A tais escrúpulos de exacção correspondia muito naturalmente uma capacidade crítica que levava Cícero a atribuir valor variável aos historiadores, seguindo fontes sérias na elaboração de algumas obras (*De Re Publica*) e fontes menos sérias na de outras (*De divinatione*) — de acordo com o objectivo que se propunha (pág. 67-68). Este mesmo espírito crítico leva-o a rejeitar, ao contrário de T. Lívio, muito fábula da história Romana (pág. 79).

Uma característica tendência da crítica de Cícero está na menor atenção dada aos aspectos militares da história, em proveito da história constitucional: isto por tendência, gosto pessoal (diz o A.) e por formação (podemos acrescentar) : pois não era Cícero um jurista?

O cap. IV fala-nos do senso da evolução e da continuidade das gerações, com origem no ensino filosófico dos Gregos (pág. 90 segg.), embora seja de notar que a formação jurídica necessária ao orador implica, dado o que havia de tradicional no direito romano, um certo senso histórico (pág. 97).

No cap. V e último faz-se ver o senso histórico como coisa bem autêntica na personalidade de Cícero e apontam-se as influências exercidas em T. Lívio e Salústio.

Em último lugar (pág. 235-246), apresenta-nos o A. uma vasta e metodicamente disposta bibliografia concernente ao assunto.

PEDRO CUNHA SERRA

GIUSEPPE TOFANIN — Historia del Humanismo, desde el siglo XII hasta nuestros días — Buenos Aires, Editorial Nova, s. d. (1953), 542 pgs.

Esta obra é a tradução espanhola do volume de G. Toffanin *Il secolo senza Roma. Storia dell'Umanesimo. La fine del Logos*, levada a efeito por Bruno L. B. Carpineti e Luis M. de Cadis. É o autor um nome já conhecido entre os estudiosos do humanismo italiano. Provam-no sobejamente, entre outros, os trabalhos *La*